



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9959 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

NO RASTRO DE TRILHAS SENSÍVEIS PARA PENSAR AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA ESCOLA

Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino - IFRN/CAMPUS NATAL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE

RESUMO

O trabalho apresenta o sentir no campo das relações étnico-raciais, considerando a estesiologia e a intercorporeidade, noções fenomenológicas, como referências para as experiências pedagógicas na escola. O trabalho objetiva descrever e refletir a respeito de experiências pedagógicas no contexto educativo a partir de ações compartilhadas com estudantes negras em três trilhas (Grupo Cachos, encontros com Quilombos e apreciações filmicas). A atitude fenomenológica do filósofo Merleau-Ponty e a fórmula de páthos de Aby Warburg alicerçam metodologicamente essa pesquisa. Para a construção textual, a pesquisa recorre a metáfora de uma trilha que se pauta na experiência vivida que situa o corpo, o outro e o sensível no processo do conhecimento. Ressignificar o corpo negro na educação pela experiência estética do sentir com o outro, tendo como foco a fenomenologia, implica em reaprender a ver o corpo negro, pois é esse corpo que sente, percebe e compreende a presença do outro. Com a redução fenomenológica, são desvelados os sentidos das visibilidades do corpo negro, da ancestralidade e da escuta do outro. Trata-se de pensar uma educação enovelada com a sensibilidade, que permita pensar e sentir o corpo negro no mundo de toda gente.

Palavras-chave: relações étnico raciais; intercorporeidade; educação do sentir

Cenários de uma trilha sensível

Esboçar o caminho a ser trilhado pelo viés da sensibilidade é assumir a atitude fenomenológica proposta por Merleau-Ponty (1945/2006), na qual indicaremos os horizontes que nossa pesquisa visitará. Desse modo, exponho um estilo baseado na descrição e nas experiências cujo olhar sobre o fenômeno depara-se com aberturas aos sentidos e significados para serem refletidos.

Esta pesquisa é nutrida por muitos questionamentos que me faz refletir a minha ação no mundo. Estas ações são possíveis por estarem em constante envolvimento com outrem. O que pensar após o que já foi pensado? O que ver após o visível? O que dizer após o dizível? O que realizar após o realizável? Chauí (2002) chama a atenção para a experiência, aquela que enlaça ao mesmo tempo Espírito Selvagem e Ser Bruto.

O Espírito Selvagem é o espírito de práxis, o sujeito que realiza uma experiência e é essa própria experiência, experiência da criação que existe para preencher alguma lacuna. Já o Ser Bruto corresponde ao ser de indivisão, originário, que sustenta pelo avesso toda forma de expressão. Abraçados, Espírito Selvagem e Ser Bruto são a polpa carnal do mundo, “presença habitada por uma ausência que não cessa de aspirar pelo preenchimento e que, a cada plenitude, remete a um vazio sem o qual não poderia vir a ser” (CHAUÍ, 2002, p. 156).

É a partir das noções fenomenológicas de intercorporeidade e estesiologia que avanço na compreensão dessas relações entre o eu e o outro no mundo, ou como propõe Merleau-Ponty, no “mundo de toda gente”. Trago aqui o outro, o alheio, para pensar o corpo negro na educação, como algo que também me constitui, como carne, ou como bem parafraseia o filósofo: “as coisas como aquilo que falta ao meu corpo para fechar o seu circuito” (MERLEAU-PONTY, 1956-1960/2000, p. 352).

Assim, me remeto a um corpo que sente e que atribui sentidos aos acontecimentos, um corpo como potência transformadora, inventivo, criativo e expressivo por meio da linguagem, da comunicação e da expressão. Esse corpo é carne do mundo entrecortado pela historicidade, pela cultura, pelos símbolos, pela linguagem e pela experiência vivida. Merleau-Ponty (1960) radicaliza a compreensão da relação entre o eu e o outro pela intercorporeidade, nas suas palavras: “percebo primeiro uma outra ‘sensibilidade’ e somente a partir daí, um outro homem e um outro pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 213).

Não posso dimensionar o sofrimento das pessoas negras, nem senti-lo da mesma forma, pois não sou negra. Mas posso compreendê-lo ao meu modo a partir das relações intercorporais que estabeleço, principalmente no espaço educativo. Busco narrativas de estudantes com as quais convivo, relatos históricos de negros quilombolas e outras aproximações possíveis a partir da experiência com o cinema. Também sou sensibilizada pelas conquistas que os movimentos negros alcançaram ao longo dos anos, pela organização social política das diversas formas de resistência, pela simbologia que faz (re)conhecer a ancestralidade apagada, pelas estratégias adquiridas para dar visibilidade a múltiplas histórias, pela representatividade cultural, pelas subjetividades transformadoras.

No Brasil, a desigualdade racial configura-se como um dos elementos estruturantes das relações sociais. A mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram um racismo peculiar, negado publicamente e praticado na intimidade. É preciso pensar nas particularidades da história brasileira que fazem da desigualdade e da discriminação um espaço não formalizado. Lilia Schwarcz (2013) enfatiza que a temática racial ainda é compreendida como um tabu, quando na realidade, poderia indicar uma grande dialogicidade no Brasil.

Para se contrapor ao racismo faz-se necessária a construção de estratégias, práticas e movimentos. Munanga (2015) ressalta o termo negritude como uma operação de desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de intelegibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo. Esse autor aponta que há um fator essencial na construção de uma personalidade coletiva, o fator histórico. A consciência histórica ligada ao seu passado ancestral é a razão para a continuidade as futuras gerações.

Nilma Gomes (2003) atesta que somos educados pelo meio sociocultural e é nesse meio que são instituídas as desigualdades, por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais. Essa pesquisadora também aponta que a escola, enquanto instituição

social, é um espaço em que organiza, socializa e constrói o conhecimento e a cultura. A instituição educacional é corresponsável pelas representações depreciativas sobre os negros, como também, importante espaço de debate e superação dessa concepção.

Compreendo que considerar a presença dos negros no contexto educacional e pesquisar sobre suas especificidades e relações, é poder contribuir para a construção de um campo de possibilidades para o acesso à educação em condições de igualdade e equidade.

Percurso Metodológico

A pesquisa se organiza metodologicamente a partir das experiências pedagógicas realizadas com estudantes do ensino médio, com o Atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg [1] e com a atitude fenomenológica de Merleau-Ponty. O método de Warburg (2012) enfatiza a emoção expressada pelas imagens, busca o entrelaçamento de simbologias e iconografismo desvelando ressignificações de mitos ou memórias de um tempo anterior, Merleau-Ponty (1964/1971) exprime a estesiologia como uma maneira de ser corpo e de nossa existência corporal, do corpo do mundo que é estofado do nosso próprio corpo intercorporal.

A abordagem fenomenológica na pesquisa enquanto atitude compreende: a descrição das experiências, a redução a partir dos sentidos desvelados e a interpretação do fenômeno. As descrições apresentadas percorrem o trajeto das minhas experiências docentes e as experiências de discentes, descortinando possibilidades de ampliar os sentidos e significados do fenômeno.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas experiências pedagógicas vividas no contexto da escola, a saber: atividades com o Grupo Cachos formado por estudantes, encontros com Comunidades Quilombolas e apreciações fílmicas. As discentes são participantes ativas da pesquisa, são doze adolescentes na faixa etária entre 15 e 20 anos de idade, cursando o Ensino Médio no contexto da cidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte.

As estudantes se auto reconheciam como negras a partir da transição dos cabelos alisados para cacheados/crespos, assumir os cachos foi uma atitude política, social, cultural e coletiva. A constituição do grupo teve como principal objetivo discutir as relações étnico raciais por meio de leituras, oficinas, apreciações fílmicas, organização de eventos, aula de campo. O grupo encontrava-se uma vez por semana com duração de duas horas, tendo início em abril de 2016 e finalizando em outubro de 2017. Essa parceria constituiu-se como um campo investigativo da pesquisa, na perspectiva de atribuir sentidos através das experiências vividas.

Os encontros com os Quilombolas se deram em duas comunidades do Território do Mato Grande/RN (Comunidade Acauã [2] e Comunidade Coqueiros [3]), nos quais foi possível dialogar com moradores, conhecer seus modos e condições de vida e apreciar suas produções culturais. Os encontros com essas comunidades se deram pela necessidade de conhecer o entorno da escola em que eu estava inserida como professora, como também buscar elementos para a efetivação da Lei 10.639/03 e dar visibilidade aos saberes dessas localidades.

As películas fílmicas (*Race*, *Chocolat*, *Estrelas além do tempo* e *Preciosa*) que compõem o *corpus* abordam o corpo negro, a educação e a sociedade. Alguns critérios foram estabelecidos para essa escolha dos filmes como preconceito e discriminação à pessoa negra e racismo institucional. A seleção também se deu pela possibilidade de

encontrar cenas que sensibilizassem estesiologicamente a comunidade escolar pela empatia, considerando o corpo negro que está presente no espaço escolar, mas silenciado.

De acordo com o *corpus* explicitado, o registro das experiências se deu durante e após a realização das atividades em forma de relatos por escrito. As experiências também foram registradas por meio de fotografias realizadas por mim e pelos estudantes através de dispositivo móvel (celular). Parte desses registros, os mais significativos conforme a redução fenomenológica, compõem as pranchas e outros estão presentes do decorrer do texto. Além dos registros escritos e fotográficos, que contribuíram significativamente para a descrição das experiências, também foram considerados os registros dos filmes realizados por mim a partir do Modelo de Ficha de Apreciação Fílmica, segundo Nóbrega (2011).

Portanto, a pesquisa se constitui a partir do diálogo entre imagem e texto. No tocante à primeira parte, assumo a pesquisa trazendo o viés da interpretação das imagens, por meio da *pathosformel*, que dá sentido à confecção das pranchas conforme Aby Warburg (2012). As pranchas possuem denominações próprias (Ubuntu, trilha dos cachos, trilha dos quilombos e trilhas fílmicas) a partir do sentido que compõem o texto e as imagens são identificadas por título e descrição na página seguinte. As imagens reunidas nas pranchas foram organizadas de acordo com o texto escrito. Para compor as quatro pranchas desta pesquisa fui reunindo um acervo de imagens a partir das experiências pedagógicas. Imagens estas que suscitaram inquietações e proposições.

Os sentidos educativos reverberados nessas trilhas estabeleceram uma educação sensível para as relações étnico-raciais, proposições que considere o corpo negro na escola com suas inquietações, anseios e frustrações para possibilitar uma escuta atenta, promovendo diferentes modos desses corpos se expressarem, sentirem o mundo e estabelecerem novas relações intercorporais. Corroboro com Merleau-Ponty (1949-1952/2006) ao afirmar que pela minha corporeidade, posso compreender a corporeidade alheia.

Finalizando as trilhas e apontando novos rastros

Ao final das trilhas, lanço um olhar para o caminho percorrido e projeto novos rastros considerando as minhas práticas como docente e as sensibilidades percebidas, experiências que nos colocaram no campo das intensidades, em uma relação imbricada com o fenômeno, pela intercorporeidade e pela carne, num plano inaugural de nossas relações com o mundo e com os outros, a partir de Merleau-Ponty (1964/1971). Nóbrega (2016), salienta que a filosofia de Merleau-Ponty mergulha no enigma da visibilidade e que há possibilidades em fazer filosofia a partir de múltiplas perspectivas e metamorfoses.

Os avanços alcançados por intermédio das políticas afirmativas, da promulgação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, foi sem dúvida, um passo importante no contexto educativo, mas ainda é necessária a empatia para transformar o acesso e a visibilidade das pessoas negras em qualquer espaço, seja institucional ou não, um saber reconhecer o outro como parte de si e do “mundo de toda gente”. Ancoro-me em Freire (1996) ao suscitar do pesquisador uma postura curiosa e aberta, ao provocar nos alunos a se assumirem como sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer pela via estesiológica.

As reflexões sobre as experiências trilhadas evidenciaram que a ancestralidade, a escuta do outro e a visibilidade do negro, seja a partir das estudantes negras, das visitas aos quilombos ou das apreciações fílmicas, são importantes para se pensar uma educação de sentidos baseadas na estesiologia e na intercorporeidade, com e para o corpo negro na

escola.

Referências

CHAUÍ, M. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 34 ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, N. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, mai/jun/jul/ago, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. -3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. (1960). **Signos**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. (1956-1960). **A Natureza**: Curso do Collège de France. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. (1964). **O Visível e o Invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. -3. ed. – 2. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

NÓBREGA, T. **Corporeidades...**Inspirações Merleau-pontianas. Natal: IFRN, 2016

_____. **Visibilidades do Corpo e da Cultura de Movimento Urbana** (Relatório de Pesquisa), 2011.

SCHWARCZ, L. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. Claro enigma, 2013.

WARBURG, Aby. **L'Atlas Mnémosyne avec um essai de Roland Recht**. Textes traduits de l'allemand par Sacha Zilberfarb. L'écarquillé – INHA, 2012.

[1] Aby Warburg foi um historiador de arte alemão que produziu o Atlas de *Mnémosyne*. Nessa obra, o historiador criou uma série de pranchas que agruparam fotografias em preto e branco, imagens com temáticas diversas e com disparidade temporal. O seu objetivo foi produzir sensações na relação entre as figuras.

[2] Comunidade Quilombola situada no município de Poço Branco/RN.

[3] Comunidade Quilombola situada no município de Ceará-Mirim/RN.